



V JORNADAS DE ECONOMÍA CRÍTICA

LA CRISIS GLOBAL COMO CRISIS DEL
PENSAMIENTO ECONÓMICO



O CAPITALISMO BRASILERIO VA AO PARAISO

PAULO ALVES DE LIMA FILHO, ROGERIO FERNANDES
MACEDO, MARCELO MICKE DOTI, FABIO ANTONIO DE
CAMPOS, HENRIQUE TAHAN NOVAES, LALO WATANABE
MINTO, SINCLAIR MALLET GUY GUERRA

23, 24 Y 25 DE AGOSTO DE 2012 - FACULTAD DE CIENCIAS ECONÓMICAS
UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES
CIUDAD AUTÓNOMA DE BUENOS AIRES | ARGENTINA

O CAPITALISMO BRASILEIRO VAI AO PARAISO

Paulo Alves de Lima Filho¹

Rogério Fernandes Macedo²

Marcelo Micke Doti³

Fabio Antonio de Campos⁴

Henrique Tahan Novaes⁵

Lalo Watanabe Minto⁶

Sinclair Mallet Guy Guerra⁷

Resumen

Este trabalho objetiva proceder à crítica exploratória dos limites do novo capitalismo subordinado, antes de tudo o caso brasileiro – em especial à teoria neo-desenvolvimentista -, e igualmente à crítica da primeira fase da experiência mundial socialista e sua transição bloqueada, com vistas a abrir alamedas teóricas para o projeto emancipatório dos trabalhadores e, desse modo, capacitar-nos para pensar outros futuros para nossas nações e região.

A crise geral do capital impõe à América Latina uma duríssima provação histórica. A dominação incontestável do capital financeiro sobre a reprodução mundial capitalista faz adentrar o capitalismo em nova fase subversiva de sua reprodução após a II Guerra, uma fase neocolonial. Liquidada a possibilidade histórica de evolução de capitalismos autônomos nos espaços ex-coloniais ibéricos, devido à vitória da contrarrevolução capitalista iniciada nos anos 60 do séc XX, abre-se, no período subsequente às ditaduras civil-militares que ali vicejaram até os anos 80-90, uma nova era de hipersubordinação aos ditames mundiais e particulares do capital financeiro nativo e associado. Impôs-se em variedade medida um retrocesso civilizacional às suas sociedades nacionais - econômico, social, político e cultural -, sob a bandeira do que se convencionou chamar de neoliberalismo, de fato uma nova etapa do imperialismo.

¹ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ Fatec-Mococa, palf1951@gmail.com;

² Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ UFVJN, motocaxlx@yahoo.com.br;

³ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ Fatec-Mococa, marcelo.micke@uol.com.br;

⁴ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ IE-UNICAMP, fcampose6@yahoo.com.br;

⁵ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ UNESP-Marilia hetanov@yahoo.com.br;

⁶ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ UNESP-Marilia lalow@yahoo.com.br;

⁷ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos-IBEC/ UNIR, sguerra8@gmail.com;

"Paradise Brasil
You dress to die
You strip do kill
But nature lies in a ditch
Oh, ain't life a bitch.

Paradise Brasil
Where the nuts come from
Sins are a thrill
But nature lies in a ditch
Oh, ain't life a bitch.

God is brasilián
I believe it's true
Get some green and yellow
When you're feeling blue."
(Rita Lee & Roberto Carvalho)

I- Continuidade da contra-revolução capitalista de 64.

Esgotada a forma civil-militar da ditadura do capital financeiro, o braço militar imediatamente perde seu vigor. Vendo-se por fim livre da tutela militar a burguesia golpista – monopolista transnacional, nacional ou associada – faz brilhar seu liberalismo extremado. Sarney está obrigado a governar com a oposição, embora já entregue novas parcelas do botim estatal a seus aliados (Maciel, Malvadeza, Lobão, etc.). Collor, entretanto, é o ditador democrático-liberal, tão exaltado e ainda mais com o ardor a si confiado pela poeira branca do Planalto. É o Jânio mais Lacerda do capital monopolista, a continuação da contra-revolução agora sob veste democrática. Sua revolução na contra-revolução, outrossim, forjou vasta maioria contra si. A revolução na contra-revolução de FHC seria muito mais palatável, mas igualmente catastrófica. Por sua vez, o bloco popular sob a hegemonia petista se fortaleceu a tal ponto a poder também cumprir um octanato com Lula e mais quatro, em princípio, com Dilma. A pequena burguesia, líder política do bloco popular, refreia o ímpeto neo-ultraliberal da contra-revolução capitalista, estende o tapete da contra-revolução pequeno-burguesa, cuja principal diferença com relação à economia política original da contra-revolução capitalista da burguesia monopolista está em colocar a liquidação da miséria como centro de sua suposta

meta estratégica, enquanto de fato governa a expansão monopolista sem violar as suas premissas econômicas e políticas. Liquida, de fato, qualquer veleidade de emancipação política da classe trabalhadora, coopta as lideranças sindicais e políticas dos trabalhadores, mantém uma economia política de apoio ao capital monopolista nacional, transnacional e associado, ao passo que redistribui parcela irrigária do orçamento público aos miseráveis e financia com este as mais altas taxas de juros do mundo o capital das minoritárias famílias abastadas e grupos monopolistas dependuradas na dívida pública. O chuvisco de verão sob a forma de migalhas anti-miséria, que a mantém viva em seus fundamentos, na realidade sequer cobre o hiato correspondente à diferença entre o salário mínimo legal da lei getulista e o salário mínimo institucional-governamental. Mas eis que para uma vasta maioria miserável essas migalhas são o jamais visto e, portanto, o sétimo céu, e a pequena burguesia, com o PT, se firma com sobras como único estrato burguês a ser capaz de realizar esta economia política anti-miséria do capital monopolista. Por mais pífia que ela seja, é avançada do ponto de vista do capitalismo da miséria. Mais, o que é fundamental sob a óptica da luta de classes, *repõe um futuro na história sem futuro do capitalismo nacional e mundial*, de suas classes proprietárias.

Mas este futuro não passa de um mito e a neo Economia Política da contra-revolução pequeno burguesa, o *neodesenvolvimentismo*, um equívoco. E nem comentemos o desejo explicitado por esta de vir a criar um capitalismo do bem estar social em plena era do declínio final do capitalismo.

O fracasso histórico do octanato fernandista, logo após o do collorido ditador democrático neo-liberal, caso as forças revolucionárias do bloco popular pudessem empolgar a oposição democrática, eis que a democracia poderia se ampliar através do anti-monopolismo, do anticapitalismo antimonopolista. Nada então mais justo que a grande burguesia apoiasse o líder da pequena burguesia e dos trabalhadores, que a contra-revolução capitalista prosseguisse através da contra-revolução pequeno-burguesa, por mais que ao capital monopolista esta estratégia lhe pareça de risco. Para o capital monopolista era imperioso liquidar qualquer veleidade de emancipação política do bloco revolucionário da luta de classes.

Mas a contra-revolução capitalista não mais pode retirar a miséria da sua fórmula de futuro. Este é um favor irreversível prestado à revolução brasileira pela contra-revolução pequeno-burguesa. Se os ex-revolucionários pequeno-burgueses agora no poder foram arrogantemente ultra-revolucionários quando suas forças eram flagrantemente diminutas comparadas àquelas do estado, agora, do alto do poder de estado de sua contra-revolução, são ultra-arrogantes em somente se banharem na luz divina do capital monopolista tal como outrora na palavra divina dos grão-mestres da luta armada a qualquer custo. De todo o modo, a nova pequena burguesia era, de fato, a única classe capaz de empolgar e manter o poder após a falência política da ditadura da burguesia golpista e seus amos militares. A massa trabalhadora faltou à revolução brasileira no sentido de empolgá-la para a república. A burguesia golpista e a pequena burguesia não mais são (ou foram) propriamente republicanas.

À nova pequena burguesia é preciso que se esgote o seu ciclo de poder. Enquanto isso se pode tranquila e metodicamente construir o pólo revolucionário comunista-emancipador da revolução brasileira para além das seitas comunistas. Este seria um salto tão imenso que pode muito bem não se concretizar tão cedo. Do mesmo modo como as burguesias não são mais republicanas, o comunismo herdado do século XX tampouco deixa de ser sectário.

A contra-revolução pequeno-burguesa, entretanto, *se desgasta*, pois obrigada a abraçar inimigos em prol da manutenção de maiorias parlamentares no Congresso, assembléias estaduais e câmaras municipais. Seu potencial de avanço republicano decresce quanto mais se distancia do almejado futuro mitológico do estado do bem estar social. Este desgaste se transforma em *fortalecimento* do bloco pró-capitalista e reformista dentro do PT e, consequentemente, em perda crescente de seu ardor democrático republicano, o que implica em crescente complacência e concordância com o bloco burguês da burguesia golpista e predadora, a ponto de ser tranquilamente possível falar no caráter continuista da economia política do neo-desenvolvimentismo com relação ao projeto fernandista.⁸ Este continuísmo, por enquanto, leva água ao moinho da direita e não à “esquerda”, seja aquela parida das dissensões internas do PT, seja das velhas organizações comunistas.

Assim, a democracia da esquerda democrática cristã no poder funciona para a reprodução do capital monopolista, i.e., das suas necessidades nacionais e mundiais e, simultaneamente, para a liquidação sistemática do processo de emancipação política da classe trabalhadora e fortalecimento do estado nacional na forma do capitalismo subordinado.

II- Dimensões conservadoras do capitalismo da miséria.

A economia política do neo-desenvolvimentismo, ao não liquidar os fundamentos da reprodução da miséria, mantém a reprodução social miserável. Poderíamos nos estender muito em busca da totalidade, mas fiquemos com os momentos mais marcantes.

Promove a desindustrialização através de um neo-colonialismo exportador, mantém o botim estatal privatizado. Prossegue o projeto de ocupação da Amazônia sob a concepção da ditadura civil-militar, e especial a expansão hidrelétrica no Xingu, com promessa inevitável de favelização e desertificação da Amazônia.⁹ Relança o complexo industrial-militar tão caro aos sonhos dos militares.¹⁰ Renova-se a decisão de expansão decidida da matriz energética

⁸ Frei Betto nota esse processo in *Calendário do poder*, p. 159-161., SP, Rocco, 2007.

⁹ Vide Sevá, Osvaldo Sobre Belo Monte ,in http://www.correiodadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6161:manchete110811&catid=34:manchete

¹⁰ vide Dagnino, Renato A industria da defesa do governo Lula. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

nuclear¹¹. Acelera perigosamente a predação dos sucessivos biomas interligados ao complexo amazônico.¹² Prossegue a manutenção da escola pública destruída, assim como dos demais serviços para a classe trabalhadora, saúde, moradia, transporte, violência urbana.¹³ Agrava a falência da reforma agrária (já nos padrões reduzidos, conservadores, da sua realização após a ditadura).¹⁴ Manutenção de altas taxas de corrupção institucional e política. Maré montante de taxas crescentes de conservadorismo ideológico-político nas instituições de ensino superior públicas e privadas, nos sindicatos, partidos políticos e igrejas. Enfim, a lista é pan-abrangente, dado que a reprodução social do capitalismo mantém substantivamente seus padrões miseráveis.

III- A pequena burguesia no poder.

A liquidação do capitalismo da miséria exigiria, hipoteticamente, nos marcos do capital, a realização de uma revolução burguesa democrática e popular – nos moldes das revoluções radicais européias e norte-americana – com vistas ao desenvolvimento de um capitalismo crescentemente autônomo, coisa que historicamente já não ocorreu em nossa revolução burguesa conservadora e, agora, plenamente inviável nesta sua fase monopolista-democrática hipersubordinada. O caráter democrático deste capitalismo da miséria tem seu limite histórico no fato de que ele é burguesmente incapaz de realizar sua revolução burguesa radical, popular e democrática. Os pequenos burgueses só podem se manter no poder sob *sítio burguês* em *sursis*, encalacrado na teia das burguesias golpistas sob hegemonia monopolista. Esse é o seu caráter político. Sua economia política, contudo, é deliberadamente pró-monopolista, como redistribuição do orçamento público escandalosamente pró-classes abastadas (0,07% para o Bolsa Família e aproximadamente 30% para a dívida pública). Ou seja, não há nenhuma força capitalista capaz de vergar a reprodução capitalista no sentido democrático-popular anti-monopolista. Os ex-revolucionários pequeno-burgueses anti-ditadura, hoje no poder do estado, transformaram-se em contra-revolucionários ativos pró-monopolistas.

IV- Raízes do atual ciclo capitalista.

¹¹ O governo brasileiro vem falando em construir seis ou sete novas centrais nucleares.

¹² vide Saber, Aziz Uma voz contra a corrente, (entrevista, Por Glauco Faria, Anselmo Massad e Mouzar Benedito [Segunda-Feira, 23 de Julho de 2007].

¹³ vide Minto, Lalo Watanabe A educação da miséria. Tese de doutorado, UNICAMP, 2011.

¹⁴ vide Stedile, J. Pedro Governo Dilma foi tomado por tecnocracia de segundo escalão", diz Stedile, blog, 2011.

Este ciclo se difere dos demais em pelo menos oito elementos. Primeiro, a força devastadora do capital financeiro e sua dominação mundial. Segundo, a criação do quarto órgão da máquina no desenrolar-se da revolução científico-tecnológica. Terceiro, a abertura da China, ex-URSS e demais países pós-capitalistas à expansão capitalista. Quarto, a desmoralização do socialismo dos comunistas e o dos social-democratas. Quinto, a liquidação dos núcleos históricos da luta de classes nos capitalismos europeus e norte-americano devido às consequências da revolução científico-tecnológica. Sexto, o ciclo repressivo mundial do capital financeiro preparando o seu salto qualitativo à contra-revolução capitalista (shock economy) no assim chamado 3º Mundo (incluídas as guerras coloniais na Indochina, África, Oriente Médio e América Latina).¹⁵ Sétimo, o hiper-poderio bélico da única potência mundial imperialista restante da Guerra Fria e sua guerra infinita.¹⁶ Por último, oitavo, a mudança no caráter do ciclo econômico, deixando sua forma sinusoidal e transformando-se em errático stop and go de curto diapasão.¹⁷ Do ponto de vista estrutural, o segundo ponto é vital (que se reflete no oitavo), pois estamos diante de um salto estrutural da reprodução social, a apontar o fim de uma era e o início de outra, mais especificamente o início da era do final do capitalismo, de seu declínio imanente, inexorável.¹⁸ No quinto ponto, ressalte-se a dissolução da anterior estrutura de classes e suas novas implicações para a luta de classes. A nova massa lúmpem, desempregada e precária implica retrocesso, o retorno da miséria original e possíveis avanços no caráter da luta anticapitalista e seu aprofundamento nos espaços neo-coloniais.¹⁹ O ponto quatro indica o definhamento e extinção dos PCs, seguido da social-democracia e consequente polarização à direita, mais o fim do vasto bloco do assim chamado socialismo real, natural ou manu militari (o caso da Iugoslávia). A classe trabalhadora dessas sociedades aceitam esse declínio e extinção, ao passo que a China transita pelo alto ao capitalismo mantendo a estrutura de poder da fase anterior, pós-capitalista, do partido comunista, transformado, assim, em partido do e para o capital. A reorganização social pró-capitalista operada pelo PCCH é o atestado da incapacidade teórica e, portanto, prática, dos comunistas dessa geração conceberem uma nova sociedade anti-capital, anti-mercadoria, i.e., a emancipação dos trabalhadores. Atestado da *fantástica imprevisibilidade* do processo histórico de emancipação dos trabalhadores. Processo de miserabilização teórica do movimento comunista submetido à tutela dos partidos comunistas nacionais e seus práticos, a falência dos seus PCs, seguidores das várias Mecas comunistas. Daí a necessidade de nova relação da teoria com o movimento prático, do surgimento do movimento de emancipação dos trabalhadores e das suas relações com as lutas de classes nacionais e regionais, portanto de uma nova estrutura mundial do comunismo crítico, *a la Marx*. O único elemento com autonomia frente aos demais é o quarto,

¹⁵ vide Klein, Naomi *The shock economy. The rise of disaster capitalism.*, NY, Picador, 2008.

¹⁶ Por exemplo, vide Engelhardt, Tom *The american way of war. How Bush's wars became Obama's*. Chicago, Haymarket Books, 2010.

¹⁷ Vide Mészáros, István *Beyond capitalism*. NY, Monthly Review Press, 1995.

¹⁸ Vide Bacchi, Sérgio *Crise terminal*, Santiago, 2008, mimeo; idem, *O trabalho social*, mimeo, Congresso Internacional Argentina-Chile, Salta, 2006.

¹⁹ Os processos venezuelano, boliviano e equatoriano bem podem atestar tal afirmação.

ao atender a uma história própria, independente em grande medida das atuais peripécias do capital. Todos os demais, por sua vez, derivam do primeiro, e apontam estarmos diante de uma nova civilização capitalista, de uma nova nova era capitalista, possuidora dessas características. Do ponto de vista ideológico estamos em pleno reinado do irracionalismo, do desaparecimento do sujeito, do diálogo das estruturas, dos discursos que coriscam nos céus de uma história sem sentido e que pulverizam os valores.

Sinteticamente, a força inaudita do capital financeiro em sua fase de plena dominação mundial emplasta de tal modo a reprodução social capitalista que, qual um buraco negro, suga e transforma em simples energia todos os elementos da reprodução social capitalista anterior. O capital financeiro transforma-se em déspota absoluto e o novo capitalismo em formação social cada vez mais distante da sua reprodução política democrática. Este efeito de esmagamento se impõe, também e obrigatoriamente, às novas forças do trabalho, cujas conquistas históricas também vão sendo liquidadas, de tal forma a re-impôr à classe trabalhadora e aos assalariados em geral o reino da pauperização, precarização e renovação da floresta negra da escravidão de fato, com seus derivados de violência social incontável, de desclassificação, desocialização e favelização. Repõe-se a miséria em sua forma ancestral oitocentista e mundial, agregada às suas formas modernas. Tanto as sociedades das revoluções burguesas radicais quanto as mais prósperas das revoluções conservadoras (Itália, Espanha, p.ex.) retrocedem ao berço original da miséria, no que são seguidas em escala maior pelos espaços nacionais subordinados das revoluções burguesas conservadoras do ex-mundo colonial. Acompanha-as a fabulosa catástrofe econômico-política e social do *vasto mundo pós-capitalista recapitalizado*.

V- Mitologias da economia política e a emancipação dos trabalhadores.

Mas não somente os proletariados nacionais são esmagados como também perdem sentido histórico as predecessoras classes dominantes vinculadas à reprodução capitalista democrática dos estados do bem estar e assemelhados, assim como as burguesias nacional-emancipacionistas das ex-colônias. Estas também podem vir a perder expressão política dado que a desindustrialização, a reprimarização e a deslocalização vão se impondo inexoravelmente nos espaços nacionais triturados pelo novo capital financeiro repotencializado. É dentro desse quadro que podemos entender os *neo-desenvolvimentismos subordinados* que vão brotando aqui e acolá entre os países capitalistas mais industrializados da nova esfera neo-colonial. Tal fato conforma, pelo menos, dois tipos atuais de estratégias políticas na *retaguarda do capital financeiro, a da reiteração capitalista* (do neo-desenvolvimentismo) e a da reiteração socialista

do *socialismo do século XXI* (ainda tributário da impotência teórica quanto à transição comunista). Ambos ainda incapazes de plenitude em seus distintos propósitos. A primeira, do neo-desenvolvimentismo, jamais poderá criar um estado do bem estar e de fato eliminar a miséria inerente aos seus *capitalismos da miséria*.²⁰ A segunda, por seu turno, nunca poderá escapar às determinações do capital – tal como ocorrido no pós-capitalismo do século XX – devido à inexistência, até os dias de hoje, de uma *teoria da transição comunista*. Ambos seriam, de certa forma, rebrotos do século XX, reiteração de seus impasses, ou seja, nem acumulação de capital soberana, autônoma, nem desacumulação, descapitalização e desmercantilização. Ambas, contudo, estratégias de sobrevivência, de resistência ao capital financeiro mundializado de uma certa estrutura de classes vinculada ao capital, de espaços nacionais acossados pelo tsunami financeiro do novo imperialismo, livre e desimpedido de maiores amarras, neo-colonial, sedento por mais valia mundial esteja ela onde estiver, assim como das vastas reservas estatais da fase anterior ainda não privatizadas.

VI- O sistema de máquinas auto-reguladoras.

No entanto o 2º ponto impõe dramaticidade inaudita à reprodução capitalista mundial. As novas forças produtivas criadas a partir da nova e decisiva etapa da revolução tecnológica, após o surgimento do quarto órgão da máquina de tal modo se expandem a ponto de não mais poderem ser contidos nas malhas das relações capitalistas.²¹ A partir desse ponto, a *reconstrução consciente* do trabalhador coletivo emancipado torna-se tarefa bem menos complexa dado que os sistemas de máquinas auto-reguladoras podem ser postos ao serviço desse processo. De outro modo, tal nova força produtiva do trabalho se apresenta como força produtiva específica da emancipação dos trabalhadores, de tal forma capaz de rapidamente permitir com que se erga uma nova reprodução social socializada em transição ao comunismo. O trabalhador coletivo emancipado pode exercer com maior liberdade o controle direto sobre os meios de produção sem a ameaça e o peso da gerencia fabril e do estado do capital, seu aliado. Se a reprodução ampliada do sistema de máquinas autoreguladoras é incompatível com a reprodução do capital, não o é, absolutamente, com a transição comunista e, ao contrário, é seu meio *específico*. Não há limites técnicos capazes de impedir o avanço triunfal do sistema de máquinas autoreguladoras (sma), nova força produtiva do trabalho comunista, a não ser a relação capital. Os *sma* estão para o trabalhador coletivo emancipado assim como a máquina para o capital. A reprodução do trabalhador coletivo emancipado tem no *sma* o seu momento específico da transição comunista, para o **comunismo propriamente dito**.

²⁰ vide Lima Filho, Paulo Alves e Rogério Fernandes Macedo *A poeira dos mitos: revolução e contra-revolução nos capitalismos da miséria* in Benini, Edi & alii Gestão Pública e Sociedade, São Paulo, Outras expressões, 2011.

²¹ Souyri, Pierre *La dynamique du capitalisme au XXème siècle* Paris, Payot, 1979.

Este processo faz com que ambas estratégias reiterativas das formas sócio-econômicas anteriores sejam, de fato, *retrógradas* com relação ao estágio possível de transição da humanidade rumo à emancipação dos trabalhadores, ao estágio de desenvolvimento das forças produtivas do trabalho. Torna-se, então, possível, a revolução comunista nacional em país de grande dimensão e importância para que o *sma* se universalize e assim pressione ao máximo as nações capitalistas a correr atrás de si rumo a uma já impossível competitividade, tal como cogitava Marx no século XIX no que respeita à transição comunista com a Inglaterra imperando economicamente.

VII- O PT como fiador da ordem monopolista: “abismo que cavaste com teus pés”.

Ao fazer sua opção pelo poder a todo custo, o PT se transforma em principal fiador da ordem monopolista. Sem ele no poder a ordem não se reproduz a contento. Essa, a grande novidade da contra-revolução pequeno burguesa, seu caráter salvacionista do capitalismo herdado da fase da ditadura formal, sendo Lula o seu grande e inesperado herói.

Os núcleos intelectuais orgânicos ao capital monopolista, tanto os das burguesias golpistas quanto os derivados da oposição burguesa à ditadura, como o PSDB, não garantem a estável governabilidade nacional (daí seu inarredável sonho parlamentarista), coisa vista de Sarney a FHC, embora estes tenham prestado inestimável favor à ordem continuadora da contra-revolução de 64 ao acelerarem sobremaneira o apetite liberal pelos fundos públicos e consequente desmontagem do enorme poderio econômico e político do estado nacional herdado da ditadura. Os pequenos burgueses do PT tem, por vários motivos, profundo poder de arrasto junto às massas proletárias e setores importantes de sua própria classe, além de aliados de peso no bloco golpista mais esclarecido (as declarações de admiração por Lula por parte de Delfim Neto, transfigurado em assessor econômico daquele falam por si só).²² Uma nova constelação de classes se reclassifica em torno da mitologia petista, de forma a desclassificar vastos setores sociais antes disso em oposição à ditadura, *reclassificando-os à direita*, inclusive setores importantes ou mesmo majoritários do ex-bloco oposicionista da assim chamada esquerda pró-capitalista, socialista e mesmo comunista. Entretanto, dada a impossibilidade de realizar-se o mito da liquidação da miséria e do estado do bem estar, urge aprender e proceder à construção do movimento de emancipação dos trabalhadores,

²² vide O Globo, 20/09/2009, “*O Lula salvou o capitalismo, diz Delfim Netto*”, disse Delfim “O Lula tem virtudes e desvirtudes. Ele mudou o Brasil de forma importante, de forma a salvar o capitalismo. O capitalismo é um processo de competição feroz, é uma corrida. E o que se exige numa corrida? Pelo menos que o ponto de partida seja o mesmo e que as pessoas tenham duas pernas. Uma igualdade de oportunidades para o sujeito que foi produzido na suíte nupcial do Waldorf Astoria e para o produzido debaixo do lampião. A crença na sociedade de que se caminha para uma igualdade de fato vem acontecendo, com melhor distribuição de renda. Isso é fundamental para salvar o capitalismo.”

retornando, assim, aos objetivos fundacionais do comunismo de Marx, enterrado no século XIX e XX.

A falência do mito ocorre mantendo o capitalismo da miséria ancestral. À miséria da fase desenvolvimentista, das industrializações sob a batuta imperial, somar-se-á a nova miséria da subordinação ao império do capital financeiro vitorioso. Os capitalismos da miséria se modernizariam monopolisticamente, forjando sociedades ainda mais desiguais que as da fase anterior. Pior, em crescente desigualdade. Na América do Sul, as trajetórias do Brasil, Argentina e Chile são as mais emblemáticas dessa fase. Sob as respectivas ditaduras, uma mais sanguinária que a outra, a industrialização brasileira avançou, apesar de seu caráter crescentemente subordinado, a Argentina soçobrou a um ponto inimaginável e a arrancada da industrialização chilena sob a batuta de um governo popular e democrático que visava o socialismo foi afogada em sangue pela radical contra-revolução liberal. A contrarrevolução capitalista sairia vencedora e impor-se-ia o capital monopolista como reitor da nova era. Transitava-se a uma nova forma de capitalismo, incapaz de desatar o nó histórico da miséria e já imerso na crise mundial do capital, iniciada a partir de meados dos anos 70. No Brasil, tal fato impõe pensar-se em alternativa antimonopolista e nacional-emancipadora, unicamente capaz de realizar-se sob a direção política das maiorias trabalhadoras, dado que a pequena burguesia moderna está firmemente decidida a permanecer força dominante nativa da nova era, fortemente vinculada ao capital monopolista e fiadora de sua ordem.